



**INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MARIA NATÁLIA DA SILVA FREITAS

**COMUNIDADE QUILOMBOLA SERRA DO EVARISTO E SUA
RELAÇÃO COM A ESCOLA OSÓRIO JULIÃO EM FACE A
EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA**

Redenção – CE
2023

Maria Natália da Silva Freitas

**COMUNIDADE QUILOMBOLA SERRA DO EVARISTO E SUA
RELAÇÃO COM A ESCOLA OSÓRIO JULIÃO EM FACE A
EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA**

Trabalho apresentado para a obtenção do
Título de bacharel em Humanidades - BHU.
Celebrado na Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-brasileira –
Unilab, Ceará.

Redenção – CE
2023

Maria Natália da Silva Freitas

Trabalho apresentado para a obtenção do
Título de bacharel em Humanidades - BHU.
Celebrado na Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-brasileira –
Unilab, Ceará.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Ivan Costa Lima (Orientador)

Prof. Dr. Luís Eduardo Lucho Bedoya

Prof. Dr.a. Rosângela Ribeiro da Silva

Redenção, CE
2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, e aos ancestrais por estarem sempre comigo, guiando, protegendo e livrando durante todo esse trajeto.

Aos meus pais, pelo incentivo, confiança e compreensão.

As lideranças comunitárias, em especial as da comunidade quilombola da Serra do Evaristo por estarem sempre presente nas lutas.

Ao meu Orientador pela paciência, na realização deste trabalho.

A minha segunda família construída durante essa jornada de estudo, a qual dividimos a casa.

As amizades construídas ao longo dos dias nos corredores e salas da universidade.

Enfim, a todos que direto e indiretamente contribuíram para essa realização.

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade compreender quais são os elementos culturais, históricos e identitários da Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo e as suas contribuições para a Educação Escolar Quilombola junto a Escola Osório Julião, discutindo-se a partir da comunidade o projeto político pedagógico da escola e os conhecimentos produzidos sobre a realidade quilombola. Para alcançarmos os objetivos apontados será utilizado a pesquisa etnográfica, assim como bibliografias sobre a educação escolar quilombola, as comunidades e seus saberes, a partir de entrevistas semiestruturadas, a partir de oficinas e rodas de conversas. Posto isto, espera-se como resultado deste projeto alcançar a sistematização acadêmica das produções culturais do Quilombo da Serra do Evaristo, como uma contribuição significativa para a implementação da Educação Escolar Quilombola, em seus contextos sociais próprios.

Palavras-chave: Comunidade Quilombola Serra do Evaristo, Educação Escolar Quilombola, Escola Osório Julião.

ADSTRACT

The purpose of this work is to understand the cultural, historical and identity elements of the quilombola community of Serra do Evaristo and their contributions to quilombola school education at the Osório de Julião school, discussing from the community the school's political pedagogical project and the knowledge produced about the quilombola reality. To achieve the stated objectives, ethnographic research will be used, as well as bibliographies on quilombola school education, communities and their knowledge, based on semi-structured interviews, workshops and conversation circles. Therefore, the expected result of this project is to achieve the academic systematization of the cultural productions of Quilombo da Serra do Evaristo, as a significant contribution to the implementation of Quilombola School Education, in their own social contexts.

Keywords: Serra do Evaristo Quilombola Community, Quilombola School Education, Osório Julião School.

SUMÁRIO

Introdução

1. Delimitação do tema e do problema de pesquisa
2. Objetivos
3. Justificativa
4. Procedimentos Metodológicos
 - 4.1 A Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo
 - 4.2 A escola Osório Julião
5. Referencial Teórico
 - 5.1 Quilombos no Ceará
 - 5.2 Educação Escolar Quilombola
 - 5.3 Educação quilombola no Ceará
 - 5.4 Reconhecimento da comunidade.
 - 5.4.1 Saber: saúde alternativa
 - 5.4.2. Museu Comunitário da Serra do Evaristo

Referências

INTRODUÇÃO

O trabalho de Pesquisa é sobre a Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo e sua relação com a Escola Osório Julião em Face a Educação Escolar Quilombola. O tema da pesquisa se refere a relação estabelecida entre a Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo com a Escola Osório Julião presente na Comunidade. O objetivo desse trabalho é compreender quais elementos culturais, históricos e identitários da Comunidade Quilombola Serra do Evaristo estão sendo utilizados dentro da educação da escola Osório Julião. No trabalho estar presente os elementos existentes na Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo e que são inseridos na Educação da Escola Osório Julião.

Para alcançar a pesquisa foi utilizado a pesquisa etnográfica, assim como de Bibliografia sobre a Educação Escolar Quilombola as Comunidades e seus saberes a partir de entrevista semiestruturada. Espera-se como resultado alcançar a sistematização acadêmica das produções culturais do Quilombo da Serra do Evaristo como contribuição significativa para a Educação Escolar Quilombola.

1. DELIMITAÇÃO DO TEMA E DO PROBLEMA DE PESQUISA

O tema de pesquisa se refere a relação estabelecida entre a comunidade quilombola da Serra do Evaristo com a escola municipal presente na comunidade, no sentido de compreensão se a trajetória histórica e cultural da comunidade dialoga com a educação formal, face a existência no Brasil da educação escolar quilombola, como uma modalidade de ensino.

Desta forma, o projeto se direciona para acentuar as contribuições oriundas da comunidade quilombola, de forma a configurar elementos que possam estruturar a educação formal dentro da escola Osório Julião, identificando-se quais elementos desta trajetória histórica e cultural, de fato se fazem presente na prática educativa formal, reforçando-se ou não a proposta de uma Educação Escolar Quilombola, conforme determina a legislação nacional.

Sobre isto, tem-se o Art. 59 da Resolução CNE/CEB nº 08 de 20 de novembro de 2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, documento que orienta os procedimentos para sua implementação nos sistemas de ensino. De modo integrante, seguindo esta determinação nacional tem-se o Projeto Político-Pedagógico das Escolas Quilombolas: Princípios Formativos e Orientações (SANTOS, 2022), que será um grande suporte base nas escolas quilombolas e não-quilombolas, do Ceará. Este documento foi construído de forma coletiva com as comunidades quilombolas e a Secretária Estadual de Educação do Ceará-SEDUC, com objetivo de fortalecer as Escolas Quilombolas nas propostas-curriculares, tendo como base a particularidade desta população.

Fazer valer a Resolução pautada acima, é o caminho para enfrentar e romper as diversas vulnerabilidades ao qual, crianças, jovens e adultos foram submetidos ao longo do processo sócio-histórico, como por exemplo o acesso aos seus modos de ser e viver, assim também como as barreiras para o ingresso no ensino superior com aponta Silva (2021).

Portanto, tem-se como pergunta norteadora a ser perseguida: **Que elementos históricos, culturais e identitários da comunidade quilombola contribuem para a Educação Escolar quilombola na Escola Osório Julião?**

Neste sentido, os conhecimentos ancestrais repassados pelos mais velhos aos mais novos (modos de produção, culinária de tradição, uso de ervas medicinais para cura de doenças, tipos de brincadeiras, formas de lazer dentre outros), são fundamentais para o

fortalecimento no âmbito da educação, com base na especificidade quilombola, como afirma Ana Cássia Fernandes Castro, Neuro psicopedagoga e atualmente professora na Escola Osório Julião, no Quilombo da Serra do Evaristo.

Desta forma, a professora Castro ressalta o seguinte:

Os elementos que contribuem bastante para a educação de nossa escola, são os elementos culturais do nosso quilombo, temos agora um material, o Eco museu más antes do museu propriamente dito, acredito que os nossos guardiões que eles são os protagonistas da nossa história, porque foram através deles, o repasse da história da comunidade. Todos nós que viemos depois, passamos a conhecer, a buscar nossa identidade a partir dos materiais que foram achados no nosso quilombo. Também destaco a importância de nosso benfeitor, Osório Julião, que doou o espaço para a construção da escola, e por isso as famílias quilombolas em sua homenagem, tensionou a mudança na nomenclatura da escola, antes chamada de Escola 15 de Novembro, passando a ser Osório Julião, por ter uma relação de pertencimento com o mesmo. São esses elementos que acredito que sejam, bastante fortes na educação da Escola Osório Julião, para o fortalecimento de nossa identidade quilombola. (Castro, 2023).

Neste sentido, a fala da professora Ana Cássia, destaca a importância dos modos de vida das famílias quilombolas que imprime uma forma simples de viver, de lutar e resistir para manter viva sua história e sua cultura, serem levados para dentro do espaço escolar, para que sejam utilizados conteúdos pedagógicos, de modo a fortalecer o pertencimento Identitários dos estudantes atendidos pela escola. Destaca ainda, que o primeiro nome dado à escola, não existia nenhuma relação com a comunidade, diferentemente do nome atual, em que a comunidade reconhece, Osório Julião, como um dos seus, por ter compartilhados seus saberes e sobretudo a importância de viver em coletividade.

2. OBJETIVOS

Desse modo, para alcançar o problema de pesquisa anunciado, estabelecemos objetivos que se pretendem, tendo como geral:

- Compreender quais elementos culturais, históricos e identitários da comunidade quilombola da Serra do Evaristo estão sendo utilizados dentro da educação da escola Osório Julião.

Com isso, espera-se de maneira específica:

- Sistematizar os principais elementos históricos e culturais existentes na comunidade quilombola;
- Entender como estes elementos quilombolas dialogam com as diferentes áreas de conhecimentos da escola;
- Estudar o currículo o PPP da escola Osório Julião e sua relação com a comunidade quilombola;
- Destacar os conhecimentos oriundos da comunidade quilombola na educação formal, tendo como base a particularidade da comunidade.

3. JUSTIFICATIVA

Compreendo que para executar este projeto de forma mais significativa possível, diz respeito a trazer os elementos sociais, culturais e pessoais que fazem com que eu queira tornar minha vivência comunitária como parte de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Eu me chamo Maria Natália da Silva Freitas. Quilombola, brasileira, jovem Negra. Filha de Paulo Julião de Freitas e Antônia da Silva Freitas, ambos agricultores. Resido no Quilombo da Serra do Evaristo Comunidade rural pertencente ao município de Baturité Ceará.

Posso afirmar que minha infância não foi tão tranquila, pois com apenas dois anos de idade fui diagnosticada com um problema de sopro no coração. Apesar de muitas privações que minha família passava, meus pais não mediram esforços para irem em busca de tratamento. Devido aos problemas de saúde que enfrentavam só iniciei minha vida escolar aos seis anos de idade na escola 15 de novembro, atualmente denominada de escola Osório Julião, onde frequentei da educação infantil o nono ano do ensino fundamental. Foi um privilégio estudar em uma escola que fica localizada no próprio Quilombo, que mesmo precária me possibilitou conhecer melhor a nossa história Quilombola da Serra do Evaristo marcada por descobertas, lutas, resistência e a cultura local.

As lembranças dessa etapa escolar era de que fazia parte de todas as atividades realizadas pela escola: apresentações culturais, trabalhos individuais e de grupos, pesquisa, trabalhos de campo, feiras de ciências etc.

Os/as professores/as, se esforçaram muito, para que tivéssemos uma formação para além de saber ler e escrever, abordavam outras temáticas inclusive voltadas para a superação do preconceito racial. O letramento dava-se e continua a ser, com base na nossa realidade quilombola, onde os costumes, as tradições, memórias coletivas eram e permanecem sendo partilhadas e trabalhadas em sala de aula.

A partir da Pedagogia Quilombola as práticas pedagógicas devem dialogar com os conhecimentos da comunidade, considerando a memória, a oralidade, a territorialidade, a ancestralidade, as tecnologias, a saúde da população quilombola e outros eixos que contemple as especificidades de cada comunidade.

Estas práticas pedagógicas já utilizadas pelas professoras/es, em consonância com a realidade dos alunos/as, hoje chamamos de educação quilombolas, que deve estar inserida na educação escolar quilombola, pois aprendemos com os mais velhos e mais velhas de modo geracional e estes saberes e fazeres devem estar presente no cotidiano escolar. Sobre essas relações Ana Paula dos Santos (2022), destaca o seguinte:

A Educação Escolar Quilombola começa na comunidade, nas relações comunitárias e com a família. A escola deve desempenhar o papel de articular os conhecimentos ancestrais com os conhecimentos elaborados e sistematizados pelos grupos sociais, dentre eles os da população quilombola, as formas sociais de organização, política e do trabalho, as cosmovisões afro-quilombola e, assim, alcançar “uma escola conceituada para quilombo” como destaca a quilombola Joanice Pereira Barros, da comunidade quilombola de Arapucas, Salitre-CE (SANTOS, p.35).

A relação pontuada acima, pode ter sido um detalhe importante que vale a pena recordar, pois nunca repeti de ano, isso atribuo todo o esforço coletivo entre a comunidade escolar e a comunidade quilombola. Cabe destacar que dos anos iniciais de letramento, até o antigo 8º, estudei com base na educação citada acima. No último ano do fundamental II, fui obrigada a descer a Serra e estudar na cidade, pois na época, devido ao pouco número de alunos, não era possível formar uma turma. Conclui o 9º ano do Ensino Fundamental no ano de 2022 na Escola de Ensino Fundamental Domingos Sávio na cidade de Baturité. As mudanças na forma de ensino forma completamente diferente, da escola em que estudei toda a minha infância-juvenil, neste curto período de um ano, percebi, o quanto foi importante ter recebido uma educação com base na especificidade quilombola, pois foi a partir dela que pude fortalecer o meu pertencimento com a minha comunidade. A especificidade quilombola a que me refiro trata-se de relações específicas com o território, a ancestralidade e as tradições e práticas culturais particulares existentes no quilombo.

Em 2003 ingressei no Ensino Médio, passei a estudar no Liceu de Baturité Domingos Sávio em Baturité. Todos os dias tinha que me deslocar para o centro da cidade aproximadamente 10km da comunidade quilombola da Serra do Evaristo em pau de arara, um transporte, de péssima qualidade sem garantia do mínimo de conforto e segurança. Conclui com sucesso em 2005 essa etapa escolar.

Na comunidade onde moro tem um sítio arqueológico, em 2012 aconteceu um projeto de pesquisa financiado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), de onde foram retirados diversos artefatos cerâmicos e utensílios de barro, urnas, fusos e materiais líticos que afloraram no solo em superfície no quilombo da Serra do Evaristo há muitos anos. Fui selecionada pela comunidade para participar desse projeto como bolsista. Foi um grande aprendizado e isso despertou em mim uma maior vontade de continuar estudando e entendendo melhor a minha história e da minha comunidade.

Então, em 2013 me matriculei na FMB (Faculdade do Maciço de Baturité), uma instituição de ensino particular e ingressei no curso de História. Hoje sou graduada em História, porém meu grande sonho era cursar uma Universidade Pública.

Foram muitas as dificuldades, principalmente, para uma negra, pobre, morando na zona rural pagar um curso superior durante 3 anos, mas, meus pais mesmo sendo semianalfabetos agricultores, aposentados, fizeram tudo o que podia para ajudarem financeiramente a concluir o curso.

Nos anos de 2014 e 2015 trabalhei como bolsista no programa mais educação na escola onde cursei todo o ensino infantil e fundamental localizada aqui mesmo no quilombo da Serra do Evaristo. Eu ensinava reforço escolar, atividade essa que me dava prazer por colaborar com a superação das dificuldades de aprendizagem que as crianças do quilombo tinham na escola.

Sou a 12ª filha do casal, minha mãe passou por 12 gestação, mas, hoje somos 10, dois morreram quando pequenos devido às grandes dificuldades da época. Cresci em um ambiente familiar simples, mas sempre meus pais do seu jeito souberam nos educar ensinando e repassando os valores fundamentais para o crescimento pessoal como respeito, honestidade, solidariedade e senso de justiça. Sempre fui incentivada a colaborar nas atividades da comunidade.

Atualmente estou membro da associação comunitária (Comunidade Kolping Quilombola da Serra do Evaristo) Integrante do grupo de medicina alternativa da

comunidade e, faço parte da equipe de voluntários que ajuda no receptivo e guiamento de visitas no museu comunitário da serra do Evaristo.

Em 2018 ingressei na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira através do edital específico 2018.1 para Indígenas e Quilombolas, graças a luta de nossas representações comunitárias e movimentos sociais. Isso para mim foi muito importante pois garantiu a oportunidade como filha de agricultor cursar uma Universidade Pública. Oportunidade que meus pais não tiveram.

Ingressar em uma universidade é muito importante, pois o ambiente pode colaborar com novos conhecimentos e habilidades sua mente abre para novas possibilidades. O amplo conhecimento que adquirir melhora a capacidade de raciocinar, de analisar, de se expressar, de autonomia e de tomar decisões importantes para a vida. Tenho o sentimento de que ingressar em uma Universidade Pública é como se estivesse ocupado um espaço que é para mim de direito e que não só eu, mas, meus pais e toda uma geração que foi privada de frequentar. A minha formação no curso de Humanidades será para mim de grande valia, tendo em vista que contribuirá para o contexto sociocultural da comunidade onde resido, bem como me preparará para ser uma pessoa consciente e competente profissional.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para alcançarmos os objetivos acima citado, utilizaremos, o Método Autobiográfico, como forma de termos uma maior aproximação e interação entre pesquisadora e pesquisado, visto que, essa metodologia leva em consideração as singularidades e subjetividades tais como: sentimentos de pertencimentos, saberes tradicionais, tradições populares, princípio da coletividade, da pesquisadora, que também é parte da totalidade e dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Visando aprofundar tal caminho, dialogaremos com MINAYO (2001), por meio biográfico, onde destaca que a mesma pode ser uma forma de aproximação com a realidade e a sociedade de inserção do sujeito. Segundo a autora, por meio da biografia, é possível compreender os modos de organização social, política, econômico e cultural destes povos, visto que o sujeito não estar isolado do meio em que vive. Destaca ainda que as civilizações mais antigas, já utilizavam essa metodologia, que demonstravam seus modos de vida.

Seguindo no mesmo caminho, Póvoas, (2007, p. 33), destaca a importância da constituição do conhecimento, tendo como base, os saberes firmes no chão da porteira de dentro, onde estas sabedorias, estão contidas em si, como veremos a seguir: “[...] para mais além a expressão de um olhar que se esparramava da porteira para fora, a partir de pés fincados na porteira para dentro, que se constitui, antes de tudo numa postura metodológica [...]”.

Assim, esta pesquisa busca, fortalecer o debate no mundo acadêmico e na sociedade, pois a autobiografia é também uma forma de conhecer a realidade por tratar-se de um trabalho aprimorado na vivência de uma mulher quilombola, que escreve sobre a realidade experimentada no chão escolar do território quilombola da Serra do Evaristo, onde a educação quilombola, é parte do fazer-viver em sala de aula, por meio dos elementos históricos culturais, identitários da comunidade quilombola.

Neste sentido, a pesquisa, traz os elementos como saberes ancestrais dos mais velhos, transmitidos aos mais novos por meio da oralidade, sendo as/os guardiãs, os principais responsáveis por esta tradição de conhecimentos, o Eco Museu comunitário, também uma ferramenta de grande relevância para fortalecer as famílias quilombolas e também fazendo um elo de ligação entre escola e comunidade, comunidade e escola.

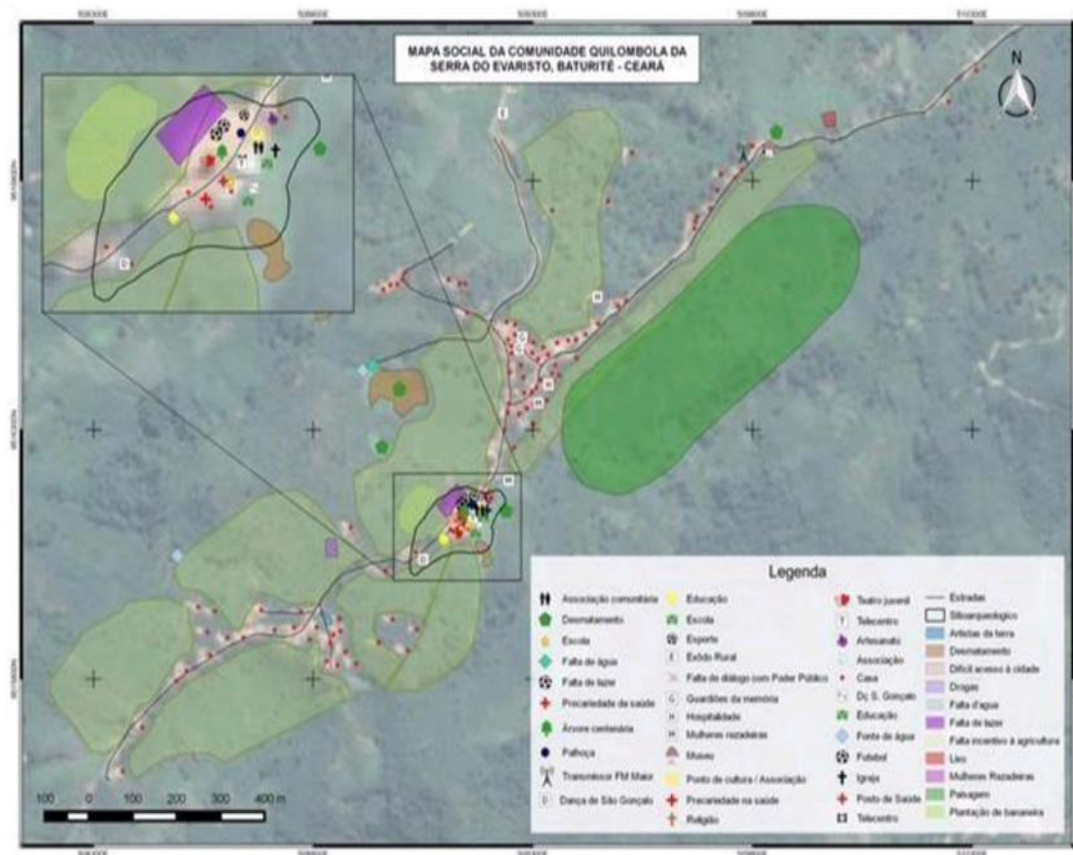
Para tanto, além das memórias utilizarei como instrumentos de pesquisa entrevistas semiestruturadas, a partir de oficinas e rodas de conversas que possam evidenciar os conhecimentos oriundo da comunidade, como também com educadores/Aa da escola.

Desta forma, destacamos os principais sujeitos que serão articulados na pesquisa:

4.1. A Comunidade quilombola da Serra do Evaristo

A Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo Localizada, no Maciço do Baturité, Estado do Ceará, distante a 90km da capital Fortaleza. A comunidade está em uma área de difícil acesso, zona rural a 9km da sede do Município. Na comunidade vive cerca de 160 famílias aproximadamente, que vivem basicamente da agricultura, do cultivo e comercialização de banana, atualmente é a principal fonte de economia dos moradores da comunidade.

Figura 1: Mapa da Comunidade



Fonte: Cartografia Social Quilombo Serra do Evaristo LABOCART/UFC.

A comunidade é constituída por agricultores (as) rendas das famílias é complementada com recursos provenientes dos programas sociais como bolsa família, garantia safra, aposentadoria dos idosos, servidores públicos municipais e de trabalhadores da área da construção civil, estes se deslocam para algumas capitais Brasileiras. Há na comunidade uma associação comunitária fundada em 22 de novembro de 1989, principal instrumento de luta coletiva dos moradores do território quilombola da Serra do Evaristo. Formada por Homens e Mulheres, a organização comunitária tendo à frente suas lideranças se reúnem uma vez no mês para juntos discutirem e planejarem ações referentes a projetos existentes na comunidade. Os dados mencionados acima são da Comunidade Kolping Quilombola da Serra do Evaristo. (KOLPING, 2023, p. 30).

A denominação Kolping no nome da associação deve-se ao fato da ligação da comunidade com a Obra Kolping, movimento internacional, católico, fundado pelo Padre Adolfo Kolping na Alemanha a serviço do trabalhador e sua família.

4.2 A Escola Osório Julião

A Escola Osório Julião localiza-se dentro da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, antes denominada de Escola 15 de Novembro é uma instituição mantida pela prefeitura municipal de Baturité. Atende da educação infantil ao 9 ano do ensino fundamental, atualmente oferece ensino em tempo integral algumas turmas sendo a educação infantil e o nono ano. Recebe estudantes das comunidades vizinhas, Castelos, Sítio Jordão, Sítio Flores e São Bento.

No ano de 2019 realizou-se uma pequena reforma na estrutura física da escola pela prefeitura municipal de Baturité posteriormente em agosto de 2020 foi licitado no âmbito municipal um novo projeto de ampliação com recursos de emenda parlamentar uma conquista da associação comunitária local.

A escola conta com um quadro de funcionários efetivos e contratados pela prefeitura municipal entre eles Diretora, Coordenação pedagógica, Professores, Auxiliares de serviços gerais, merendeira, monitor de informática, vigias. Osório Julião nasceu em 28/06/ 1899, e faleceu em 12/12/ 1994 era agricultor, pai de família, dono de terras na comunidade Serra do Evaristo, no município de Baturité/ce. Sempre trabalhou na roça e produzia para ele e para quem precisasse, era muito querido pelo povo do local por sua generosidade e solidariedade. Osório Julião doou parte de suas terras para que a comunidade pudesse construir a escola, a igreja e o posto de Saúde existente na comunidade. A Escola recebe o nome em homenagem a esse benfeitor.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

Para subsidiar a pesquisa, os sujeitos quilombolas e não quilombolas ajudarão no diálogo para o desenrolar deste estudo, como também da utilização de uma base teórica, com os seguintes autores: na dimensão histórica Kabenguele Munanga, Nilma Lino Gomes, Ademir Fiabani entre outros/as, que contribuem para acompanhar as transformações deste tema. Na dimensão em discutir os quilombos no Ceará e a educação escolar quilombola autores/as como: Elza Maria Franco Braga (2021), Ana Maria Eugenio da Silva (2021), Givânia Maria da Silva, (2012), Alex Ratts (2006), Ivan Costa Lima (2019), a Mestra quilombola Maria do Socorro Fernandes Castro, entre outros/as.

Inicialmente, vamos situar os conceitos ao longo da realidade brasileira sobre quilombos. Neste sentido encontramos em Munanga (1995/1996) que quilombos é

uma experiência de base africana, atribuída a diferentes povos bantus no continente africano que nos séculos XVI e XVII vão organizar diferentes instituições social e militares entre os países na atualidade conhecido como Angola e Zaire:

Embora o quilombo (kilombo) seja uma palavra de língua umbundu [...] seu conteúdo enquanto instituição sociopolítica e militar é resultado de uma longa história envolvendo regiões e povos aos quais já me referi. É uma história de conflitos pelo poder, de cisão de grupos, de migrações em busca de novos territórios e de alianças políticas entre grupos alheios. 1995/1996, p. 62).

Assim o referido defende a tese de que o quilombo no Brasil terá referência nas lutas travadas desde o continente africano.

Ao longo da história brasileira teremos diferentes ressignificações, no entanto como discute Gomes (2013, p. 29, grifos dos autores):

O processo de aquilombamento existiu onde houve escravidão dos africanos e seus descendentes, recebeu nomes distintos de acordo com a região onde viveram. Como por exemplo tem-se *marrons* na Jamaica, na Guiana Francesa, na Guiana inglesa e nos Estados Unidos, *pelenques* em Cuba e na Colômbia, ou *cimarrones* em muitos países de colonização espanhola.

O conceito que mais perdurou no Brasil, é que precisa ser problematizado, vem do século XVIII definido pela Coroa Portuguesa onde quilombo seria toda a habitação de negros que conseguiam fugir do regime escravocrata e se refugiavam em locais estrategicamente isolados e fortificado no meio das matas. Tal definição, ainda se faz presente no imaginário da sociedade brasileira, marginalizando as diferentes formas de organização dos negros e negras contra o sistema opressor da escravização, os identificados de forma depreciativa.

Portanto, os quilombos mantinham laços de solidariedade e convivência com seu entrono. Os quilombos não correspondiam exclusiva ou essencialmente, portanto, a refúgio de escravos fugidos, mas sua gestação vinculava-se ao esforço de negros escravizados em resgatar liberdade e dignidade. (ALVES; DEUS, GOMES, 2013, p. 310).

Sobe isto Fiabane (2017, p. 26) indica diferentes possibilidades de existência de comunidades negras, que vão das resistências quilombolas as ações de autonomia contra o processo de escravização, assim:

As principais matrizes formadoras das comunidades negras são: comunidades originadas de antigos quilombos, comunidades formadas em terras devolutas,

comunidades que se constituíram em terras de Igrejas ou de ordens religiosas, comunidades formadas a partir de terras compradas pelos cativos ou ex-cativos, comunidades constituídas em terras recebidas por herança, comunidades formadas por terras abandonadas, comunidades que nasceram por doações de terras pelo estado em troca de serviços guerreiros, comunidades nascidas em terras indígenas e também constituídas em terras destinadas para assentamentos organizados pelo Incra.

A partir disto, se denota diferentes formas de organização da comunidade negra ao longo da história nacional, comunidades negras rurais, terra de pretos, terras de santo ou santíssimo e/ou mocambos, quilombos contemporâneos, comunidades quilombolas e remanescentes de quilombos” (FIABANI, 2017, p. 30), este último chega ao seu reconhecimento na Constituição de 1988, que em seu artigo 68, Ato das Disposições Constitucionais transitórias (ADTC) determina a propriedade definitiva dos quilombolas.

Assim, na contemporaneidade as comunidades quilombolas urbanas ou rurais, não são apenas reproduções do passado, mas organizam a partir de suas histórias e memórias um movimento de respeito e desenvolvimento social, cultural e político de respeito ao seu passado, projetando suas lutas por direito à terra, à cultura e educação de qualidade.

5.1 Quilombos no Ceará

No estado do Ceará ainda se percebe pouco conhecimento sobre as comunidades quilombolas na região, que buscam por reconhecimento social e cultural. Estes poucos conhecimentos dos órgãos governamentais recaem nas dificuldades de efetivar uma educação contextualizada, que leve em consideração os processos históricos e sociais das comunidades quilombolas e, por conseguinte, a falta de ações políticas, como por exemplo a implementação da educação quilombola.

Aqui discute-se que isto se deve, em parte, a forma de negação construída pela sociedade cearense da presença negra em sua trajetória de constituição. Sobre isto o trabalho de Silva (2021) discute que:

[...] a face racista da sociedade cearense, tanto pela essencialização do negro brasileiro no lugar de escravo, quanto pela negação da população negra no estado, e que até hoje contribui com nossa cultura e economia, e também pelo ideário de miscigenação facilitado pelo “pequeno número” de negros no estado, e evidenciando as estratégias de embranquecimento da população, defendido por muitos pensadores da época, tendo como seu maior expoente o Sociólogo e Historiador Gilberto Freyre, em seu livro sobre a formação social do Brasil: “Casa Grande & Senzala” (1933).

Assim, se evidencia a necessidade de uma compreensão histórica dos quilombos no Ceará, no dizer de Dantas (2011) é algo que, além de compor uma parcela da dívida histórica com africanos e afrodescendentes, também nos remete a conhecer melhor a história da formação e construção deste estado, reconhecendo identidades ainda.

Sobre isto, um dos primeiros trabalhos acadêmicos foi de Alex Ratts (2009, p. 103) que buscou discutir a distribuição espacial de negros/as e indígenas no Ceará (2009, p. 103-104) reafirma que “uma parte da antiga intelectualidade cearense, mesmo corroborando a ideia da ‘quase ausência do negro’, na expressão do historiador Raimundo Girão, encontra indicações da existência de comunidades negras”, e que os primeiros agrupamentos negros no estado do Ceará são identificados no final da década de 1970 e início da década de 1980.

Assim, fazem parte de lutas pelo direito à terra e ao patrimônio cultural, vistas como ressignificação e atualização de preservação identitária, mas que ainda se encontram fora dos processos educativos na constituição do Ceará.

Em termos de dados sobre as comunidades quilombolas no Ceará, a primeira fonte é a Fundação Cultural Palmares, órgão do governo federal responsável pela emissão das certificações de comunidades quilombolas por todo o país. No caso do estado do Ceará, tem-se registros 60 comunidades, sendo 59 certificadas (FCP, 2023).

Na atualidade como aponta Silva e Lima (2018) em termos governamentais pode-se encontrar dados sobre as comunidades quilombolas no Ceará, de um lado, pela Secretaria do Desenvolvimento Agrário (SDA) que contribui em realizar o mapeamento das comunidades quilombolas cearenses. Além, do foco em projetos voltados para o desenvolvimento local e territorial das comunidades tradicionais.

De outro lado, há também o acompanhamento da Ceppir (Coordenadoria de Igualdade Racial do estado do Ceará), órgão vinculado a estrutura do Gabinete do Governador do Estado do Ceará. Tem como responsabilidade a coordenação de políticas públicas de igualdade racial, visando assegurar direitos da População Negra e dos Povos e Comunidades Tradicionais (Quilombolas, Indígenas, Ciganos, Povos de Terreiro) afetados por discriminação étnico-racial e demais formas de intolerância, de modo articulado com os diversos setores das administrações públicas estadual.

Em termos de movimento social tem-se que parte das comunidades quilombolas estão organizadas em torno da Comissão Estadual de Comunidades Quilombolas Rurais

do Ceará (CERQUICE), criada em 2005, que tem acompanhado as comunidades quilombolas pelo estado.

A organização está vinculada à Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq), que desde 1995 tem articulado a luta pelo território quilombola no Brasil. Na atualidade a CERQUICE reconhece a existência de 70 comunidades quilombolas, sendo que nem todas estão devidamente certificadas. A CERQUICE vem ao longo dos anos realizando diversos encontros estaduais, bem como, acompanhando o desenvolvimento de projetos governamentais dentro das comunidades cearenses (SILVA; LIMA, 2018, p. 141)

No último mapeamento feito em 2019 promovido pelo Governo do Estado do Ceará, demonstra a existência de 87 comunidades quilombolas no estado, distribuídos conforme o mapa abaixo:

Figura 2: Mapeamento quilombola, 2019



Fonte: Governo do Estado do Ceará

Um dado importante diz respeito as formas culturais existentes nos quilombos, como apresentado por Silva (2018), existe a manutenção de conhecimentos tradicionais trazidos pelo viés da ancestralidade, em especial o uso de planta medicinais, pelas rezadeiras, benzedeiras, parteiras, acervos museológicos, a exemplo da Serra do Evaristo.

5.2 Educação escolar quilombola

A educação escolar quilombola se estrutura a partir do âmbito normativo, com as preocupações do Movimento Negro, que historicamente reforça a necessidade de se pensar a história e cultura africana e afro-brasileira nos sistemas de ensino. Desta forma,

tem-se a modificação da Lei e Diretrizes e Base da Educação (LDB), a partir da Lei 10639 de 2003, que institui a história e a cultura africana e afro-brasileira nos sistemas de ensino público e privado, ampliada pela Lei 11645 de 2008 incluindo a população indígena.

Com o advento desta legislação abre-se caminho para instituir o estudo sobre as comunidades quilombolas como parte do patrimônio cultural brasileiro, conforme pode-se ler no Parecer CNE/CP nº 03/2004 todo sistema de ensino precisará providenciar “Registro da história não contada dos negros brasileiros, tais como os remanescentes de quilombos, comunidades e territórios negros urbanos e rurais” (BRASIL, 2003, p.9).

Nesta direção, tem-se 2010 diretrizes que orientam para a Educação escolar quilombola, evidenciando-se esta modalidade como parte da educação básica, de acordo com o parecer CNE/CEB 07/2010. Assim, na Resolução CNE/CEB 04/2010 que instituem as Diretrizes Curriculares Gerais para a Educação Quilombola, que entre outras determinações aponta:

- a) Garantir a elaboração de uma legislação específica para a educação quilombola, com a participação do movimento negro quilombola, assegurando o direito à preservação de suas manifestações culturais e à sustentabilidade de seu território tradicional.
- b) Assegurar que a alimentação e a infraestrutura escolar quilombola respeitem a cultura alimentar do grupo, observando o cuidado com o meio ambiente e a geografia local.
- c) Promover a formação específica e diferenciada (inicial e continuada) aos/as profissionais das escolas quilombolas, propiciando a elaboração de materiais didático-pedagógicos contextualizados com a identidade étnico-racial do grupo (BRASIL, 2011, p. 9).

Com isso, pode-se discutir que essas determinações legais devem comprometer todos os segmentos dos sistemas de ensino. Assim, indica-se, também, a inclusão da discussão da questão racial como parte integrante da matriz curricular de todos os cursos de licenciatura, como de processos de formação continuada de professores, inclusive docentes do ensino superior. Às universidades é atribuída a função de identificação de fontes de conhecimentos de origem africana, a fim de selecionarem-se conteúdos e procedimentos de ensino e aprendizagens e a disponibilização de materiais e acervos relacionados à temática étnico-raciais.

Como afirmam Alves; Deus; Gomes (2017, p. 36) a legislação como “[...] conjunto de medidas legais assim como as reivindicações do Movimento Negro e Quilombola ao longo ao século XX, pode ser considerado como instrumento de políticas de ações afirmativas [...]” revelando-se a necessidade de uma educação escolar que

mantenha um diálogo com a realidade das comunidades e do movimento quilombola pelo Brasil.

5.3 Educação quilombola no Ceará

No Ceará, do ponto de vista governamental, pode-se dizer que é recente a preocupação com a implementação da educação escolar quilombola. De um lado, pela ausência de reconhecimento formal das comunidades no estado, e por outro por políticas públicas localizadas para este segmento.

O que se pode localizar quando se busca informação sobre o tema junto a Secretaria de educação, localiza-se que a partir de 2015 as primeiras iniciativas para esta implementação, como preocupação do Estado do Ceará, a partir da Coordenadoria do Desenvolvimento da Escola e da Aprendizagem Diversidade e Inclusão Educacional, com a realização de formação de gestores/as, reuniões técnicas sobre educação quilombola, implementação de escolas quilombolas no ensino médio e alfabetização de jovens e adultos de algumas comunidades, até o advento da produção de um documento orientando projetos políticos pedagógicos direcionadas as escolas. (CEARÁ, 2023).

Por outro lado, a Coordenadoria de Igualdade Racial do estado do Ceará, órgão vinculado a estrutura do Gabinete do Governador do Estado do Ceará, constituiu um espaço para o Grupo de trabalho quilombola, como possibilidade de discutir políticas públicas para a efetivação dos processos de certificação e da educação quilombola no Ceará. Dentro deste órgão pode-se registrar a ação do grupo de trabalho quilombola, que tem debatido a necessidade do estado do Ceará pautar a execução da educação quilombola, já que, segundo dados governamentais, se localiza apenas 05 escolas designadas pelo governo como quilombolas (SILVA; LIMA, 2017, p. 217).

Apesar disso, discute-se que nos municípios pouco coisa tem sido priorizada para que esta modalidade se torne efetiva dentro das escolas, sejam quilombolas ou que estejam dentro de territórios quilombolas, como aponta Silva (2017, p. 136) onde o desafio para implementação deve-se ao: “currículo padrão que se torna uma regulação do conhecimento e das práticas educativas. Nesse sentido, os movimentos sociais criam inflexões para pensar sobre quais conhecimentos, culturas e valores são trazidos para esse modelo universalizado de escola”, onde a luta quilombola torna-se instrumento necessário para modificar a ordem cultural, educacional sobre as comunidades quilombolas.

A participação das comunidades na construção do PPP – Projeto Político Pedagógico é fundamental para garantir que os caminhos que a escola vai percorrer seja em consonância com sua realidade social, histórica e cultural, tendo conforme afirma Santos (2022, p.), a “cara” do que acontece no dia a dia da escola e no seu entorno.

5.4 Reconhecimento da Comunidade.

Em vista a todo o movimento nacional para a efetivação da educação escolar quilombola, trazemos alguns elementos que consideramos importantes para pensar o reconhecimento e valorização da história e da memória da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, a partir de minhas vivências e experiências como integrante da comunidade quilombola.

No ano de 2007 a comunidade quilombola da Serra do Evaristo reivindica junto a Fundação Cultural Palmares o pedido para que fosse certificada como Comunidade Remanescente Quilombola. Em 11 de Fevereiro de 2010 recebia a certificação de reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares. Após várias reuniões e reflexões internas, a comunidade da Serra do Evaristo, já organizada em uma associação, denominada Comunidade Kolping da Serra do Evaristo, decidiu em 2007 encaminhar para a Fundação Cultural Palmares o pedido formal para a emissão da sua certificação enquanto Comunidade Quilombola, e em fevereiro de 2010 é emitida a Certidão de Auto-definição. Colaboraram com essas conquistas, a união dos Negros e Negras pela Igualdade- UNEGRO, Núcleo do Maciço de Baturité e outros atores a exemplo do jovem Advogado João Batista Lima de Assis, parceiro de caminhada dessa comunidade. O processo de reconhecimento da Identidade quilombola no atual contexto dos moradores da Serra do Evaristo vai além da identificação de certos traços étnicos-culturais. Os processos identitários foram sendo construídos a partir das lutas e das estratégias de mobilização e organização comunitária local.

5.4.1 Saber: Saúde Alternativa

O uso das plantas medicinais para a cura de doenças é um costume bastante antigo dos moradores da Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo. Em 1996, há 27 anos teve início nesta localidade a formação de Dona Maria do Socorro Fernandes Castro

(reconhecida como Mestra da Cultura, pela câmara municipal de Baturité) que passou a realizar um trabalho de orientação de uso de remédios caseiros. A formação desse grupo teve início com uma capacitação na cidade de Canindé-Cé, com a mestra da cultura Odete Uchoa. Além, das mulheres do Evaristo, também participaram da capacitação mulheres de Baturité como Dona Marlene, Dona Elieide e outras que passaram a se articular para estudos. Outro marco desse trabalho na Comunidade de Serra do Evaristo foi a ida de um grupo de mulheres dentre elas a mestra da cultura Maria do Socorro Fernandes Castro para uma pequena cidade de João Pessoa, chamada Bananeiras para participar de um treinamento durante uma semana em um centro de capacitação holístico, mantido por religiosas.

Além da mestra Dona Maria Socorro, atualmente integra o grupo Maria Natalia da Silva Freitas, Maria da Conceição da Silva Freitas Ferreira, Maria Aparecida da Silva Freitas, cada uma delas com função específicas. Coordenação, produção e orientação do uso dos remédios e ervas: A mestra Maria do Socorro Fernandes Castro, Vendas e Divulgação: Maria Natalia da Silva Freitas, Compras de insumos: Maria da Conceição da Silva Freitas Ferreira. O grupo além de manter um horto de plantas, produz Xaropes, Tintura anti-inflamatória (saúde da mulher e do homem) Argila (barro) Extrato da Maçã, Mel com babosa, Gelol caseiro dentre outros. Esses medicamentos são utilizados pelas famílias do Evaristo e das comunidades do entorno. Esse saber popular tem sido incorporado nas atividades formais realizadas pela escola da Comunidade bem como sido objeto de pesquisa por estudantes da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB), Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará (IFCE) Escolas Estaduais de Educação Profissional (EEP) também de Baturité.

5.4.2. Museu Comunitário da Serra do Evaristo

O museu comunitário está localizado na Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo, em uma área privilegiada de beleza e uma vista belíssima das cidades do entorno. O equipamento foi construído com recurso de um termo de ajustamento de conduta administrativa (TAC) mediante convênio firmado entre o IPHAN, uma empresa Eólica privada e a Comunidade Kolping Quilombola da Serra do Evaristo. O museu foi construído pelos próprios moradores da comunidade, destina-se abrigar as coleções oriundas das escavações no ano 2012, no sítio arqueológico existente no quilombo da

Serra do Evaristo. O museu foi inaugurado e aberto ao público em setembro de 2013, em solenidade organizada pela própria comunidade.

O acervo é composto por urnas funerárias, fragmentos de esqueleto humano, utensílios domésticos de cerâmica, ossos de animais machadinhas de pedra, fusos e objetos relacionados aos rituais de sepultamento, entre outros vestígios arqueológicos com mais de 700 anos. A associação coordena as atividades e estabelece formas de contatos através de telefones e ou por meio eletrônico. A comunidade estabelece um roteiro de visitas, sendo o primeiro momento de acolhida dos visitantes pelas lideranças da comunidade seguida de um círculo de cultura sobre a história e as tradições do território. Em seguida, se deslocam para conhecer o museu comunitário com visitas guiadas por professor e jovens que participaram das escavações.

A maioria das visitas é de estudantes, professores, pesquisadores e integrantes de movimentos sociais notadamente da região do maciço de Baturité.

A Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo estabelece com a escola Quilombola Osório Julião uma estreita relação protagonizando diversas ações com foco na melhoria da estrutura física e na prática pedagógica desenvolvido pela instituição escolar. Desde 2014 que as lideranças da comunidade vêm buscando articulando ações junto aos órgãos governamentais no sentido de tornar concreto o sonho da construção da escola quilombola no território nos padrões previstos pelo MEC -Ministério da Educação, oficializando a demanda junto a CREDE -8 e a SEDUC. Enquanto não se torna realidade esse sonho, a comunidade articulou uma emenda parlamentar, no valor de R\$ 250.000,00, que permitiu a realização de uma reforma na escola em 2019.

A interação escola comunidade é algo marcante e foi por iniciativa das famílias Quilombolas que foi posposto a mudança na nomenclatura da escola que antes era Escola 15 de Novembro, passando por meio de um projeto de Lei aprovado pelo legislativo municipal de Baturité, a ser denominada de Escola de Ensino Infantil e Fundamental Osório Julião, em homenagem a um dos benfeitores do quilombo Serra do Evaristo, doador de terras ao município para construção de equipamentos públicos e comunitários no território. Essa iniciativa demonstra o nível de organização e empoderamento da comunidade que compreende a escola como sua e se preocupa inclusive com sua denominação. A parceria comunidade escola também tem apresentado resultados significativos no que diz respeito a autoafirmação étnica dos moradores do quilombo da Serra do Evaristo.

Desta forma, espera-se como resultado deste projeto alcançar a sistematização acadêmica das produções culturais do quilombo da Serra do Evaristo, como uma contribuição significativa para a implementação da educação escolar quilombola, em seus contextos sociais próprios.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Aline; DEUS, José Antônio; GOMES, Nilma. Comunidades quilombolas: uma possível interpretação do lugar com o uso de mapas mentais. In: OLIVEIRA; RAMOS; OLOUDOWA (org.). **Cá e acolá: experiências e debates multiculturais**. Fortaleza: Edições UFC, 2013.
- CASTRO. Ana Cássia Fernandes de. Entrevista concedida a Maria Natália. Serra do Evaristo, 2023.
- CEARÁ. SEDUC. Educação escolar quilombola. Disponível em: [acoes_progr_educ_esc_quilombola.pdf \(seduc.ce.gov.br\)](https://seduc.ce.gov.br/acoes_progr_educ_esc_quilombola.pdf). Acesso em 10 nov. 2023.
- CHERMONT, Luciana D'Almeida. **Identidade Quilombola: processos identitários na comunidade serra do Evaristo/Baturité- Ceará**, 2014. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades . Programa de pós graduação em sociologia, Fortaleza, -2014.
- Hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2.ed. São Paulo: WMFQ Martins Fontes, 2017.
- DANTAS, Simone. Historiografar quilombos em regiões do Ceará. In: CUNHA JUNIOR, H. SILVA, Joselina da.; NUNES, Cícera. (Org.). **Artefatos da cultura negra no Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- FIABANI, Adelmir. Comunidades remanescentes de quilombo: da invisibilidade à luta pela terra. In: LIMA, Solimar; FIABANI, Adelmir (org.). **Sertão quilombola: comunidades negras rurais no Piauí**. Teresina: Edufpi, 2013.
- FUNDAÇÃO Cultural Palmares. Quadro geral de comunidades remanescentes de quilombos. Disponível em: [QUADROGERALPDF.pdf \(www.gov.br\)](https://www.gov.br/cultural-palmares/pt-br/assuntos/comunidades-quilombolas/quadro-geral). Acesso em: 10 nov. 2023.
- KOLPING. **Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo: Dados da Comunidade**. Baturité, 2023.
- LIMA, Ivan; VILLACORTA, Gisela; LUÍZ, Janaílson (org.). Pesquisas e fazeres pedagógicos interdisciplinares em educação as relações étnico-raciais. **N'umbuntu em revista**, v. 2, n. 4, jul/dez., 2018.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); Suely Ferreira Deslandes; Romeu Gomes. **Pesquisa Social, Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: 18 ed. Vozes, 2001.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**. N. 28, p. 56-63, dezembro-fevereiro, 1995/1996. Disponível em:

RATTS, Alex. **Traços Étnicos: espacialidades e culturas negras e indígenas**. Fortaleza: Museu do Ceará: Secult, 2009.

SANTOS, Ana Paula. **Projeto Político-Pedagógico das Escolas Quilombolas: Princípios formativos e orientações**. Fortaleza: SEDUC, 2022.

SILVA, Ana Maria Eugenio da. **As quilombolas do Sítio Veiga: e a dança de São Gonçalo em Quixadá-CE**. (Dissertação) Redenção, UNILAB-CE, 2021.

SILVA, Givania Maria da. **Educação como processo de luta política** : a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de Conceição das Crioulas. Dissertação (mestrado). Universidade de Brasília, Faculdade de educação, 2012.

SILVA, David; LIMA, Ivan. Territórios Quilombolas no Ceará: Lutas Sociais e Educação. In: LIMA, Ivan; VILLACORTA, Gisela; LUÍZ, Janaílson (org.). Pesquisas e fazeres pedagógicos interdisciplinares em educação as relações étnico-raciais. **N’umbuntu em revista**, v. 2, n. 4, jul/dez., 2018.

SILVA, Samia P. dos S. (Org.). **Afroceará quilombola**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.